

“EU SOU DE PAULO! EU DE APOLO! EU DE CEFAS! EU DE CRISTO!”: O CONCEITO DE PATRONAGEM E A COMUNIDADE PAULINA DE CORINTO (SÉCULO I EC).

Juliana B. Cavalcanti M. T. *

Resumo:

O presente artigo visa promover uma brevíssima reflexão sobre as lideranças existentes na comunidade paulina ou judaico-cristã do século I EC na cidade de Corinto. Mais precisamente, este trabalho buscará sinalizar de que maneira podemos compreender as relações de poder que nos parece perceptíveis após uma leitura das epístolas, escritas por Paulo por volta de meados dos anos 50 do primeiro século, endereçadas aos “cristãos” coríntios. Para isto, traremos à luz da discussão o conceito de patronagem apresentado por Wallace-Hadrill (1989). Tendo este conceito, ou melhor, buscar-se-á norteados por este apontar um possível caminho alternativo à leitura das epístolas aos coríntios, no que diz respeito às ações de Paulo para se legitimar enquanto apóstolo, bem como suas falas/colocações quanto a estruturação desta comunidade, comunidade esta que é descrita pelo próprio autor como poucos indivíduos “sábios de carne” ou de “família prestigiosa”. Para esta breve análise partiremos da perícopa 1Cor 1:10-17 onde são primariamente apresentadas as rivalidades existentes no interior desta comunidade. A comunidade paulina servirá de laboratório para ilustrar as diferentes relações de poder estabelecidas no Império Romano, uma vez que esta comunidade “cristã” está inserida em seu contexto histórico-social.

Palavras-chave: Patronagem, Coríntios, Paulo e Império Romano.

Abstract:

This paper aims at a brief reflection on the existing leaderships in the Pauline community of the first century CE in the city of Corinth and. More precisely, this paper aims to signal how can we understand the power relations that seems apparent after a reading of the epistles written by Paul around the mid 50s of the first century, addressed to "Christians" Corinthians. For this, we work with the concept of patronage, presented by Wallace-Hadrill (1989), indicating a possible alternative path for reading the Epistles to the Corinthians. A path for to understand an community described as where: "not many of you were wise by human standards; not many were influential; not many were of noble birth." (1 Cor 1:26)

Keywords: Patronage, Corinthians, Paul and the Roman Empire.

Introdução:

Ao observamos a comunidade judaico-cristã coríntia do século I EC por intermédio das duas epístolas remetidas por Paulo para esta comunidade, o que se constata é que havia algumas lideranças. Estudos arqueológicos feitos na região de Corinto sugerem que esta comunidade era composta basicamente por indivíduos de baixo estamento social. O próprio Paulo nos dá indícios disto, ao informar que “não há

entre vós nem muitos sábios aos olhos dos homens, nem muitos poderosos, nem muita gente de família distinta” (1 Cor 1:26).

Estas mesmas lideranças acabavam por evocar disputas no interior da comunidade. O impacto das disputas foi tamanho que levou a membros da casa de Cloé a informarem Paulo do que estava se passando. Paulo acabou por redigir a denominada primeira epístola aos coríntios. Tal fato é verificável em 1 Cor 1:10-17:

10. Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar. 11. Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram que existem rixas entre vós. 12. Explico-me: cada um de vós diz: "Eu sou de Paulo!", ou "Eu sou de Apolo!", ou "Eu sou de Cefas!" ou "Eu sou de Cristo!" 13. Cristo estaria dividido? Paulo teria sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo? 14. Dou graças a Deus por não ter batizado ninguém de vós a não ser Crispo e Caio. 15. Assim ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome. 16. É verdade, batizei também a família de Estéfanos; quanto ao mais, não me recordo de ter batizado algum outro de vós. 17. Pois não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria" da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo.

O que se percebe na perícopie acima é que indivíduos como Apolo, Cefas e Cristo estavam colocando a autoridade de Paulo à prova, promovendo, desta maneira, a segregação das casas-igrejas coríntias, comunidade esta à qual a carta é destinada com a fórmula introdutória (1Cor 1:1-3). Esta fragmentação evidencia o que fomentou a redação da primeira epístola aos coríntios. Todavia, a leitura deste excerto da carta evoca algumas indagações. Entre elas: o que fomentava a divisão entre os membros? Como se dava a composição e a estruturação dos mesmos no interior desta comunidade?

Estas percepções são possíveis quando vinculamos o texto ao seu contexto, com o ambiente em que a comunidade judaico-cristã está inserida. Isto é, faz-se necessário ter em mente que as disputas e mesmo o discurso construído pelo autor das cartas, Paulo, ecoavam em seus leitores e/ou ouvintes da comunidade de Corinto de forma que, assim que a mensagem era recebida, ela era capaz de estabelecer *insights*. Em outras palavras, ao se ler esta documentação, faz-se necessário ter em mente que as rivalidades entre grupos ou composições sociais no interior das casas-igrejas coríntias e os discursos paulinos estão intimamente ligados a uma lógica própria da bacia mediterrânea do século I EC. Mais especificamente, estão ligadas às demandas, compreensões e mentalidades próprias da Corinto Romana do primeiro século.

Neste sentido, o presente artigo visa demonstrar que os conflitos no interior das casas-igrejas de Corinto perpassavam o âmbito das relações de poder. Estas relações estavam marcadamente presentes na organização e estruturação política e social da Corinto Romana. Valer-se-á do conceito de patronagem de Wallace-Hadrill (1990:63-85) na tentativa de apontar possíveis caminhos para a leitura destas questões. A opção da definição conceitual indicada por Wallace-Hadrill é aqui adotada, por compreender-se que o seu ensaio “Patronage in Roman society” é o que melhor sistematiza e analisa de forma pertinente e contributiva as relações de poder estabelecidas ao longo do Império Romano. Relações estas que podem ser estendidas para as comunidades paulinas coríntias, dado que, as mesmas emergem no interior deste vasto império e estão em constante debate com o mesmo.

O conceito:

Wallace-Hadrill (1989:63-85) em seu ensaio nos demonstra que um império tão vasto, contendo diversos *ethe* e se valendo de um limitado corpo administrativo, acabava por necessitar de algum elemento de ligação que não só garantisse sua unidade, mas também minimizasse os possíveis conflitos internos. Este elemento ligante é o que chamamos de patronagem.

A patronagem é um conceito aplicável às relações políticas que atingiam todos os níveis sociais, sejam elas verticais e/ou horizontais. Estas relações eram marcadamente caracterizadas por três características: (a) a troca recíproca de serviços e benefícios; (b) a relação se distingue das transições comerciais de mercado (é estritamente pessoal e de *longue durée*); (c) é uma relação sempre desigual entre duas partes de *status* (jurídico, social e econômico) iguais e/ou desiguais, onde cada parte oferece diferentes tipos de serviços e benefícios. Isto acabava por gerar uma série de relações de ordem político-social como, por exemplo: senhor-escravo; proprietário de terra e homens pobres; senador sênior e senador júnior.

Desta forma, o patrono se coloca numa posição de protetor e/ou benfeitor daquele que se tornava seu cliente. O cliente devia, por sua vez, alguns serviços a seu patrono para que a relação fosse perpetuada. Este arranjo de serviços e benefícios mútuos era perpetuado à medida que o patrono estava sempre por deter ou manipular recursos escassos (alimentação, terra e melhores posições no senado, por exemplo).

Era natural que um patrono não tivesse apenas um cliente, mas uma rede de potentados. Quanto maior fosse esta rede, maior era o seu prestígio e poder. Além disso, um cliente também poderia ser patrono de outros indivíduos, fazendo com que suas capacidades de prestar serviços não só fossem potencializadas, mas que a lógica de busca por prestígio e poder também fosse reproduzida (WALLACE-HADRILL, 1989:69-70).

A partir deste processo, em que um mesmo indivíduo poderia ser ao mesmo tempo cliente e patrono, o Império acabava por deter meios de agregar constantemente grupos étnicos e sociais dos mais variados. Assegurava, inclusive, a estabilidade deste vasto império, visto que, as relações entre estes grupos eram forçadas pela necessidade contínua de obter serviços e benefícios. O rompimento destas relações implicava também no fim da obtenção de serviços benéficos.

É válido lembrar que esta simultaneidade – em que patrono também poderia ser cliente – era limitada, até mesmo por uma necessidade de dar forma e sentido a este império. O topo desta pirâmide era ocupado pelo imperador: o patrono máximo, tido como o verdadeiro e grande benfeitor, responsável por permitir que as benesses de Roma chegassem aos mais diferentes pontos da *orbis* e a distintos povos.

Alcook (1993:1-33) entende estas benesses dentro de um projeto de romanização. Ou melhor, estas benesses são frutos da romanização. Para tal projeto havia dois esquemas. O primeiro é a colônia (tal como Corinto), em que uma cidade com zona rural é fundada ou refundada para abrigar legionários veteranos e soldados dispensados do serviço militar. Estas cidades criadas eram utilizadas como centros administrativos para supervisão da produção e distribuição dos recursos locais e regionais. Além disso, estabelecia-se uma vida cívica romana que englobava diferentes atividades administrativas ou mesmo atividades socioeconômicas, entre elas estavam os cultos religiosos, os banquetes públicos e festivais e jogos voltados ao imperador e ao império.

O segundo é o evergetismo (boas obras), em que os aristocratas locais assumiam as principais responsabilidades pelas estruturas da vida cívica. Competiam entre si, em cada cidade, para construí-las e as renovar por intermédio deste evergetismo e de benfeitorias. Assim, não era o imperador que atuava de forma direta sobre seu vasto império, mas as autoridades locais que, muitas vezes se valendo de suas próprias fortunas, investiam em obras públicas (tais como construções de templos) e projetos cívicos. Como retorno destes serviços prestados a Roma, os aristocratas acabavam por

serem os primeiros a receberem as bênçãos romanas (CROSSAN; CREED, 2007:173-174).

Aplicando o conceito:

Em 1Cor 1:10-17 (já citado), Paulo nos dá indícios que está havendo disputas no interior das casas-igrejas. Indícios estes perceptíveis nos versículos 10 e 11 em que Paulo afirma que, por relatos chegados a ele, haveria tais tensões. O próprio apelo de Paulo por uma assembleia unida possibilita tal compreensão. Estas tensões se dão a partir de grupos encabeçados por certas lideranças tais como Cefas, Apolo, Cristo e o próprio Paulo. Paulo ainda nos diz que procurou não batizar ninguém para que não houvesse rivalidades entre os membros da comunidade de Corinto. Mesmo assim, ele acaba por reconhecer que houve alguns batizados por ele: Crispo, Caio e a família de Estéfanos.

Paulo diz que buscou não batizar ninguém para que não gerassem lideranças na comunidade a partir de seu nome. Todavia, estes batizados reconhecidos por Paulo acabam também por serem líderes nesta comunidade, por se distinguirem do que não são batizados pelo apóstolo. Estas disputas e lideranças nos levam a refletir sobre o gênese das mesmas.

Para que possamos apontar a patronagem como uma possível via de leitura para as epístolas coríntias, faz-se necessário realçarmos três elementos: (a) a composição social da comunidade; (b) a postura de Paulo frente à destas casas-igrejas, tendo um comportamento análogo ao de um patrono; (c) a postura de Paulo frente a outras lideranças itinerantes carismáticas que iam nesta comunidade.

(a) O primeiro deles, a composição social da comunidade pode ser percebida por intermédio estada passagem situada em 1Cor 1:26-29:

26. Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. 27. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; 28. e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, 29. a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus.

Crossan e Reed (2007:315) defendem que Paulo, ao afirmar que não havia muitos de “família prestigiosa”, estava revelando um indício de que haveria diferentes grupos sociais integrando a assembleia coríntia. E que a importância destes membros estava diretamente ligada ao *status* do indivíduo e ainda aos dons do Espírito. Em outras palavras, o poder no interior das casas igrejas advinha do *status* socioeconômico ou dos dons obtidos a partir do espírito.

Além disso, ao falar em “sábios segundo a carne” Paulo permite ainda uma tecer um grupo entendido por Theissen (1989:89-91) como alternativo as lógicas de organização paulina: os gnósticos. Grupo este que priorizava a obtenção de conhecimento e um estilo de vida radical para a obtenção do mesmo. Isto é, para este grupo a nível organizacional não haveria distinções ao não ser fases/estágios para o acesso ao conhecimento. Enquanto que Paulo defendia que o conhecimento/sabedoria advém o espírito e este espírito estaria revelando dons diferentes em cada membro. E consequentemente a autoridade de um membro, segundo Paulo, implicaria em qual dom o indivíduo tivesse.

Esta tensão interna entre Paulo e este grupo denominado por ele de “sábios pela carne”, poderia está explicando também a preocupação de Paulo em definir que nem todos são iguais frente aos dons do espírito, ainda que este espírito seja o responsável pela unidade dos membros das casas-igrejas. Nos referimos mais especificamente a 1 Cor 12: 28-30:

28. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vêm, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. 29. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? 30. Todos têm o dom de curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

Ainda que Paulo diga por intermédio da historietta do corpo em 1 Cor 12:12-27 que todos são iguais independente do dom que se manifeste no indivíduo já que a sabedoria e o Senhor seriam os mesmos (1 Cor 12:5), como vemos acima ele acaba por criar uma hierarquização destes dons. De forma que os apóstolos viriam em primeiro lugar, depois os profetas e assim por diante. Essa hierarquização dos dons ou dos ministérios nos parece pertinente por dois aspectos. O primeiro deles diz respeito ao que dizíamos sobre a tentativa de Paulo de enfrentar ou diminuir a tensão entre ele

(e seus seguidores) do grupo chamado por estudiosos como Theissen de gnósticos de primeiro século.

Ashton (2000:206) sugere ainda guiado pelas informações de Atos (18:24) sobre a origem de Apolo que teria provindo de Alexandria, tendo recebido lá influência de Filon. Assim, os “sábios de carne” poderiam ser membros seguidores de Apolo que teriam recebido algumas ideias de Philo por intermédio de Apolo, perceptíveis pelo tipo de linguagem. O que teria obrigado a Paulo recorrer às habilidades de retórica (2000:207) com uma exibição característica de autodepreciação como ocorre em 1 Cor 15:4-8, onde Paulo se refere como o menor dos apóstolos, mas também como o último a ver o Jesus Ressuscitado. Ou ainda como aparece em 2 Cor 12, onde Paulo relata em terceira pessoa sua experiência extática com um tom demasiado irônico dizendo não haver necessidade de se gloriar, mas que por conta das tensões ele opta por mencionar o que ele chama de visões e revelações do Senhor”.

Um segundo motivo para tal postura, talvez esteja no fator que Ashton (2000) constantemente sinaliza: o reconhecimento da autoridade de Paulo enquanto apóstolo. Em outras palavras, para Ashton (2000:207-208) era do interesse de Paulo traçar uma diferença entre autoridade e poder. Por poder Ashton define que todo aquele que fosse batizado deteria poder; uma vez que este estaria automaticamente movido pelo espírito e este espírito estaria emanando algum tipo de dom ou carisma, como o próprio Paulo reconhece ao relatar a já citada neste artigo historieta do corpo.

Devemos lembrar primeiramente que Paulo era uma liderança carismática itinerante, o que permitia a existência de lideranças locais, bem como de outros líderes carismáticos itinerantes (como veremos no terceiro tópico) circulando por esta comunidade. Em 2 Cor 12, Paulo parece dar indícios que é relutante em explicar sobre suas experiências extáticas, mas por pressões da própria comunidade ele acaba optando por “gloriar-se”. O fato é que estes outros líderes acabavam por colocar a prova a autoridade de Paulo. E como a autoridade é um elemento que deve ser ou oficializado ou constantemente reconhecido, isto fazia com que em suas cartas Paulo acabasse sempre se valendo dos mais variados recursos para autenticar a sua apostolicidade (FITZMEYER, 2008:101-105).

(b) Ao falar sobre o modelo de liderança e, acima de tudo, as constantes críticas e recomendações sobre a organização da comunidade, Paulo estava a todo o momento buscando legitimar sua autoridade sobre as casas-igrejas de Corinto e sua posição de

apóstolo. Esta preocupação em defender suas posições emerge com maior evidência em 1Cor 3:1-4:

1. Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnis, como a crianças em Cristo. 2. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podéis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, 3. visto que ainda sois carnis. Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis e não vos comportais de maneira meramente humana? 4. Quando alguém declara: "Eu sou de Paulo", e outro diz: "Eu sou de Apolo", não procedeis de maneira meramente humana?

Neste momento, Paulo se apresenta com características paternalistas aos coríntios, na forma como ele levou para eles a boa nova. Estas características são próprias de um patrono. O patrono é aquele que por, estar em condições mais favoráveis, tem plenas condições de amparar e proteger aquele que se coloca como seu cliente. E, por sua vez, tal como já vimos, o cliente deve obediência e lealdade a seu patrono. Postura esta, que os membros da assembleia não tinham, dado as disputas entre eles devido à condição social ou aos dons.

Em 1Cor 4:17, Paulo toma outra postura de patrono quando afirma que iria enviar Timóteo, seu “filho amado e fiel ao Senhor”: “Foi em vista disso que vos enviei Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor; ele vos recordará minhas normas de vida em Cristo Jesus, tais como as ensino em toda parte, em todas as Igrejas!”

Era comum no mundo romano, como nos mostra Wallace-Hadrill (1989:68) ao analisar o Império Romano como um todo, que quando o patrono solicitasse *hospitalitas* ao cliente para um conhecido seu, o cliente deveria recebê-lo, devendo este ser tão bem tratado quanto o patrono. Chevitarese (2011:123-135) ao fazer um estudo comparado entre as cartas de Cícero e a epístola à Filemon também nos dá alguns indícios da habitualidade desta recomendação e serviço.

Outro aspecto que deve ser levantado é que Timóteo também era cliente de Paulo, primeiramente, pelo modo como se refere a ele. Saller (1989:49-61), em seu estudo linguístico sobre os termos empregados na relação patrono-cliente nos textos de Plínio, o Jovem, e Cornélio Rúfio, percebe certa proximidade entre os agentes a tal ponto de haver tratamentos ternos entre os mesmos.

O segundo aspecto que reforça a ideia de Timóteo ser cliente de Paulo, está no fato dele ir a Corinto para levar as recomendações de Paulo, sugerindo que o patrono tem total confiança em seu cliente. A postura nos parece também análoga ao comportamento de Cícero no caso estudado por Chevitarese (2011:123-135). Este

autor, em trechos de algumas cartas de Cícero, verifica que é realçada a postura de confiança do patrono para o cliente enviado para entregar uma carta ao seu destinatário. Isto nos faz ver que, mais uma vez, Paulo em nenhum momento rompeu com a realidade a qual viveu, estando, na verdade, em pleno diálogo com ela.

Conclusão:

O presente artigo buscou indicar caminhos alternativos para a compreensão das rivalidades existentes no interior das casas-igrejas coríntias e, mais especificamente, como Paulo reagirá aos projetos de Reino de Deus rivais ao seu. Neste sentido, o conceito de patronagem nos foi central, pois possibilitou perceber que estas rivalidades são fruto de relações de poder estabelecidas no interior da comunidade de Corinto. E, mais ainda, que a forma como Paulo estrutura o seu projeto de Reino de Deus e interage com projetos conflitantes evidencia um diálogo direto com o meio em que a comunidade paulina estava baseada: a Corinto Romana.

Para validar o emprego do conceito, fez-se necessário realçar dois elementos: (a) a composição social da comunidade; (b) a postura de Paulo frente a estas casas-igrejas, tendo um comportamento análogo ao de um patrono. Compreendendo a composição social da comunidade, foi possível desenhar também as lógicas comportamentais das casas-igrejas.

A postura de Paulo foi outro elemento fundamental para este breve estudo, dado que, seu comportamento era análogo a posturas existentes no Império Romano. A própria relação estabelecida entre Paulo e Cristo, onde Paulo seria um mensageiro ou porta-voz de Cristo. E não seria apenas mais um porta-voz ou mensageiro, uma vez que, seus atos missionários seriam atestados em outras casas-igrejas para além da coríntia e isto nos evidenciou uma ação política. Neste sentido, a comunidade coríntia estava em pleno diálogo com o meio e o contexto em que se inseria, e não alheia ao seu ambiente como tendem a indicar certas perspectivas.

Referências Bibliográficas:

1. Fontes.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

2. Trabalhos Teóricos.

SALLER, R. Patronage and friendship in early imperial Rome: drawing the distinction. In: WALLACE-HADRILL, A. Patronage in Roman society: from republic to empire. In: WALLACE-HADRILL, A. *Patronage in Ancient society*. New York: Routledge, 1989.

WOOLF, Greg; GARNSEY, Peter. Patronage of the rural poor in the Roman world. In: WALLACE-HADRILL, A. *Patronage in Ancient society*. New York: Routledge, 1989.

3. Dicionário:

LIDDEL & SCOTT. **Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press. 1997.

4. Textos Específicos.

ALCOCK, S. *Graecia Capta: the landscapes of Roman Greece*. New York: Cambridge University Press, 1993.

ASTHON, J. *The religion of Paul the apostle*. New Haven: Yale University Press, 2000.

CAVALCANTI, J. “Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo”: uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção* 10 (2013), pp.96-109.

CAVALCANTI, J. Notas sobre o ritual batismal nas comunidades paulinas de Corinto e Éfeso. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção* 11 (2013), pp.79-89.

CHEVITARESE, A. *Cristianismos. Questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klínē, 2011.

CROSSAN, J. e REED, J. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

- ENGELS, D. *Roman Corinth: an alternative model for the classical city*. Chicago: University of the Chicago Press, 1990.
- FITZMYER, J. *The Anchor Yale Bible: First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 2008.
- FRIESEN, S. *Twice Neokoros. Ephesus, Asia and the cult of the Flavian Imperial Family*. Leiden: E. J. Brill, 1993.
- HORSLEY, R. *Paul and Politics*. Habsburg: Trinity Press, 2000.
- HORSLEY, R. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- HORSLEY, H. *Wisdom and Spiritual Transcendence at Corinth. Studies in First Corinthians*. Eugene: Cascade Books, 2008.
- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo* (vol.2). São Paulo: Paulus, 2005.
- MEEKS, W. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 1992.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *St Paul's Corinth: Texts and Archaeology*. Minnesota: Liturgical Press, 2002.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo. Biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SANDERS, E. *Paul and Palestinian Judaism*. Minneapolis: Fortress Press, 1977.
- STARK, R. *O crescimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SEGAL, Alan F. *Paulo, o convertido: apostolado e apostasia de Saulo o Fariseu*. São Paulo: Paulus, 2010.
- THEISSEN, G. *The social setting of Pauline Christianity: essay on Corinth*. Oregon: Fortress Press, 1989.